

AS  
MINAS  
DO REI  
SALOMÃO





# Henry Rider Haggard

Tradução Eça de Queirós



Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural  
© 2019 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês  
*King Solomon's mines*

Diagramação  
Project Nine Editorial

Texto  
Henry Rider Haggard

Produção editorial e projeto gráfico  
Ciranda Cultural

Tradução  
Eça de Queirós

Imagens  
Darren Whittingham/Shutterstock.com;  
Lemberg Vector studio/Shutterstock.com;  
Gleb Guralnyk/Shutterstock.com.

Revisão  
Project Nine Editorial  
Karine Ribeiro

---

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

---

H145m Haggard, Henry Rider, 1856-1925  
As minas do rei Salomão / Henry Rider Haggard ; traduzido por  
Eça de Queirós. - Jandira, SP : Principis, 2019.  
176 p. ; 16cm x 23cm. - (Clássicos da Literatura Mundial)

Tradução de: King Solomon's Mines  
Inclui índice.  
ISBN: 978-85-943-1881-7

1. Literatura inglesa. 2. Ficção. I. Queirós, Eça de. II. Título.  
III. Série.

2019-1452

CDD 823.91  
CDU 821.111-3

---

**Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949**

#### **Índice para catálogo sistemático:**

1. Literatura inglesa: ficção 823.91
2. Literatura inglesa: ficção 821.111-3

1ª edição revista em 2020

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

# SUMÁRIO

Introdução.....	6
Encontro com os meus camaradas .....	7
Primeira notícia das minas de salomão.....	16
O homem chamado Umbopa.....	27
Os elefantes .....	35
A nossa entrada no deserto.....	42
Penetramos no reino dos Cacuanas.....	79
O rei Tuala.....	85
A grande dança.....	107
Antes da batalha .....	119
O ataque à colina .....	126
A batalha de Lu.....	131
O rei Ignosi.....	136
A grande caverna.....	142
O tesouro de Salomão.....	150
Nas entranhas da terra.....	159
A partida de Lu .....	168
Enfim! .....	173

# INTRODUÇÃO

Agora que este livro está impresso, e em vésperas de correr o mundo largo, começa a pesar fortemente sobre mim a desconfiança de que, para ele ser aceitável, muito lhe falta como estilo e como história.

Enquanto à história, realmente, não pretendi nem tentei meter nestas páginas tudo o que fizemos e tudo o que vimos na nossa viagem à terra dos Cacuanas. Há, todavia, nesse estranho povo, coisas que mereciam exame detalhado e lento: a sua fauna, a sua flora, os seus costumes, o seu dialeto (tão aparentado com a língua dos Zulus), o magnífico sistema da sua organização militar, a sua arte sutil em trabalhar os metais... Que interessante estudo se faria, além disso, com as lendas que ouvi e colecionei acerca das armaduras de malha que nos salvaram na batalha de Lu! Que curiosa, também, a tradição que entre eles se tem perpetuado sobre os Silenciosos, os dois colossos que jazem à entrada das cavernas de Salomão! No entanto pareceu-me (e assim pensaram o barão Curtis e o capitão John) que seria mais eficaz contar a história a direito, e secamente, deixando todas essas particularidades sobre a região e sobre os homens para serem tratadas mais tarde, num tomo especial, com minudência e largueza.

Resta-me, pois, implorar a benevolência para a minha tosca maneira de escrever. Estou mais habituado a manejar a carabina do que a pena; e sempre me foi alheia a fina arte dos arrebiques e floreios literários. Talvez os livros necessitem esses floreios e ornatos: não sei nem se possuo autoridade para o decidir; mas, na minha bárbara ideia, as coisas simples são as mais impressionadoras, e mais facilmente se deve acreditar e estimar o livro que venha escrito com séria e honesta singeleza. “Lança aguda não precisa brilho”, diz um provérbio dos Cacuanas; e, movido por esse conselho da sabedoria negra, arrisco-me a apresentar a minha história, nua, lisa, nas suas linhas verdadeiras, sem lhe pendurar por cima, para a tornar mais vistosa, os dourados galões da eloquência.

ALÃO QUARTELMAR



## ENCONTRO COM OS MEUS CAMARADAS

É bem estranho que nesta minha idade, aos 56 anos feitos, esteja eu aqui, de pena na mão, preparando-me a redigir uma história!

Nunca imaginei que tão prodigiosa ocorrência se pudesse dar na minha vida; vida que me parece bem cheia, e vida que me parece bem longa... Sem dúvida, por a ter começado tão cedo! Com efeito, na idade em que os outros rapazes ainda soletram nos bancos da escola, já eu andava agenciando o meu pão por esta velha colônia do Cabo. E por aqui fiquei desde então, metido em negócios, em serviços, em travessias, em guerras, em trabalhos; e nessa dura profissão, que é a minha, a caça ao elefante e ao marfim. Pois, com toda esta diligência, só ultimamente, há oito meses, *arredondei o meu saco*. É um bom saco! É um saco graúdo, louvado Deus. Creio mesmo que é um tremendo saco! E apesar disso, juro que para o sentir assim, redondo e soante entre as mãos, não me arriscava a passar outra vez os transe deste terrível ano que lá vai. Não! Nem tendo a certeza de chegar ao fim com a pele intacta e com o saco cheio. Mas eu no fundo sou um tímido, detesto violências, e ando farto, refarto de aventuras!

Como dizia, pois, é coisa estranhíssima que assim me lance a escrever um livro. Não está nada no meu feitio ser homem de prosa e de letras; ainda que, como outro qualquer, aprecio as belezas da Santa Bíblia e gozo com a *História do rei Artur e da sua Távola Redonda*. No entanto, tenho razões, e razões consideráveis, para tomar a pena com esta mão inábil que há quase cinquenta anos maneja a carabina. Em primeiro lugar, os meus companheiros, o barão Curtis e o digno capitão da Armada Real, John Good (a quem chamo, por hábito, “o capitão John”), pediram-me para relatar e publicar a nossa jornada ao reino dos Cacuanas. Em segundo lugar,

estou aqui em Durban, estirado numa cadeira, inutilizado para umas semanas, com os meus achaques nas pernas. (Desde que aquele infernal leão me traçou a coxa de lado a lado, fiquei sujeito a estas crises, todos os anos, ordinariamente pelos fins do Outono. Foi em fins de Outono que apanhei a trincadela. É duro que depois de um homem matar, no decurso da sua honrada carreira, quarenta e cinco leões, seja justamente o último, o quadragésimo sexto, que o file e use dele como de tabaco que se masca. É duro! Quebra a rotina, a estimável rotina; e para mim, pessoa de ordem, qualquer surpresa me sabe pior do que fel.) Em terceiro lugar, além de encher os meus ócios, componho esta história para meu filho Henrique, que está em Londres, interno no Hospital de São Bartolomeu, estudando Medicina. É uma maneira de lhe mandar uma longuíssima carta que o entretenha e que o prenda. Serviço de doentes, numa enfermaria abafada e lóbrega, deve pesar intoleravelmente. Mesmo o retalhar cadáveres termina por ser uma rotina, rica em monotonia e tédio; e assim esta história, onde tudo há menos tédio, vai, por uns dias, levar ao meu rapaz uma saudável e alegre sensação de aventuras, de viagens, de força e de vida livre. E enfim, como última razão, escrevo esta crônica, por ser, sem dúvida, a mais extraordinária que conheço, na realidade ou na fábula. Digo “extraordinária” mesmo para os leitores profissionais de romances, apesar de nela não haver mulheres, além da pobre Fulata. Há Gagula, sim. Mas esse monstro tinha 100 anos, pouca forma humana, e não sensibiliza. Em todas estas duzentas páginas, realmente, não passa uma *saia*. E todavia, assim escasso como é nas graças do feminino, não creio que exista um caso mais raro e mais cativante.

A única vez que tive de fazer publicamente uma narração foi diante dos magistrados, no Natal, quando depus como testemunha sobre a morte dos nossos serviçais Quiva e Venvogel. Por essa ocasião comecei assim, muito dignamente, com aprovação de todos, com louvores do periódico de Durban: “Eu, Alão Quartelmar, residente em Durban, no Natal, *gentleman*, declaro e juro que...”. Não me parece, porém, que seja esta a adequada maneira de principiar um livro. Além disso, posso eu afirmar, em tipo de imprensa, que “sou um *gentleman*”? O que é um *gentleman*? O que é ser *gentleman*? Conheço aqui cafres nus que o *são*; e conheço



cavalheiros chegados de Inglaterra, com grandiosas malas e anéis de armas nos dedos, que o *não são*. Eu, pelo menos, nasci *gentleman*; apesar de me ter volvido depois num pobre e simples caçador de elefantes. Ora, se nessa carreira e nos acasos que ela me trouxe, permaneci sempre *gentleman*, não me compete a mim avaliar. Deus sabe que, com valente esforço, procurei conservar-me *gentleman*, como nascera. Tenho morto, é certo, muito homem; mas estas duas mãos, bem haja a minha fortuna, estão puras de sangue inútil. Matei para que me não matassem. O Senhor deu-nos as nossas vidas, como sagrados depósitos que lhe pertencem e que devemos defender. Guiei-me sempre por este princípio; e conto que o bom Deus, um dia, me dirá lá em cima: “Fizeste bem, Quartelmar!”. Este mundo, meus amigos, é muito áspero de atravessar; e os destinos violentos impõem-se por vezes com uma lógica inexorável. Aqui estou eu, homem ordeiro, tímido, bonacheirão, que, constantemente, desde criança, me acho envolvido em carnificinas! Felizmente nunca roubei. Uma ocasião, é verdade, abalei com quatro vacas que pertenciam a um cafre. Mas o cafre tinha-me rapinado sordidamente, e desde então essas quatro vacas trago-as sempre na consciência. Só quatro vacas. Pois têm-me pesado mais que uma manada de gado!

Foi há dezoito meses, pouco mais ou menos, que encontrei os dois homens que deviam ser meus companheiros nesta aventura singular à terra dos Cacuanas. Nesse outono, eu andara numa grande batida aos elefantes, para lá do distrito de Bamanguato. Tudo nessa expedição me correu mal, e por fim apanhei as febres. Mal me pude ter nas pernas, larguei para as minas de diamantes (as diamanteiras), vendi o marfim que trazia, passei o carrão e o gado, debandei os caçadores, e tomei a diligência para o Cabo. Ao fim de uma semana, no Cabo, descobri que o hotel me roubava infamemente; além disso, já vira todas as curiosidades, desde o novo Jardim Botânico que há de certamente conferir grandes benefícios à cidade, até ao novo Palácio do Parlamento que, tenho a certeza, não há de conferir benefícios nenhuns; de sorte que decidi voltar para o Natal pelo Dunkeld, pequeno vapor costeiro que estava nas docas à espera do paquete de Inglaterra, o Edimburgh Castle. Tomei passagem, e fui para bordo.

Nessa tarde chegou o Edimburgh Castle: os passageiros que trazia para o Natal transbordaram para o Dunkeld, e levantamos ferro ao pôr do sol.

Entre os passageiros de Inglaterra que mudaram para o Dunkeld havia dois que me despertaram logo certo interesse. Um deles, um homenzarrão de perto de 35 anos, tinha os ombros mais cheios e os braços mais musculosos que eu até aí encontrara, mesmo em estátuas. Além disso, cabelos ondedados e cor de ouro; barbas ondedadas e cor de ouro; feições aquilinas e de corte altivo; olhos pardos, cheios de firmeza e de honestidade. Varão esplêndido que me fez pensar nos antigos dinamarqueses. Para dizer a verdade, dinamarqueses só conheci um, moderno, horrivelmente moderno, que me estafou dez libras; mas lembro-me de ter admirado um quadro, *Os Antigos Dinamarqueses*, em que havia homens assim, de grandes barbas amarelas e olhos claros, bebendo num bosque de carvalhos por grandes cornos que empinavam à boca. Este cavalheiro (vim a saber depois) era um inglês, um fidalgo, um *baronet*. Chamava-se Curtis, o barão Curtis. E o que me feriu mais foi ele parecer-se extremamente com alguém que eu encontrara no interior, para além de Bamanguato. Quem?... Não me podia lembrar.

O sujeito que vinha com ele pertencia a um tipo absolutamente diferente, baixo, reforçado, trigueiro, e todo rapado. Calculei logo pelas suas maneiras que tínhamos ali um oficial de marinha; e verifiquei depois, com efeito, que era um primeiro-tenente da Armada Real, reformado em capitão-tenente, e por nome John Good. Este impressionou-me pelo apuro. Nunca conheci ninguém mais escarolado, mais escanhado, mais engomado, mais envernizado! Usava no olho direito um vidro, sem aro, sem cordel, e tão fixo que parecia natural como a pálpebra. Nem um só momento o surpreendi sem aquele vidro, e cheguei mesmo a pensar que dormia com ele cravado na órbita. Só muito tarde descobri que à noite o metia no bolso das calças, no mesmo bolso em que guardava a dentadura postiça, a mais bela, a mais perfeita dentadura que me recordo de ter contemplado, mesmo em anúncios de dentistas. E o capitão John Good, destas, possuía duas!

Apenas nos fizemos ao largo, começou o mau tempo. Brisa forte, névoa úmida e fria. Depois cada solavanco (o Dunkeld, barco de fundo

chato, não levava carga) que não se podia arriscar uma passada confortável na tolda. De sorte que me recolhi para junto da máquina, onde fazia um calorzinho sereno, e ali fiquei olhando para o pêndulo, que marcava, com desvios largos, o ângulo de balanço do Dunkeld.

– Pêndulo errado – rosou de repente uma voz ao meu lado, na sombra da noite que caía.

Olhei. Era o oficial da marinha.

– Errado, hein?... Acha? – perguntei.

– Acho o quê?... Se o vapor se inclinasse quanto marca o pêndulo, não se tornava mais a levantar... Aqui está o que eu acho. Mas é sempre assim, com estes capitães de marinha mercante...

Felizmente, nesse instante, tocou a sineta do jantar, com imenso alívio meu; porque se há, sob a cúpula dos céus, uma coisa temerosa, é a loquacidade de um oficial da marinha de guerra desabafando sobre a inépcia dos oficiais da marinha mercante. Pior do que essa coisa temerosa, só a coisa inversa!

O capitão John e eu descemos juntos para o salão. O barão Curtis já lá estava, no topo da mesa, à direita do comandante do Dunkeld. John acomodou-se ao lado do seu companheiro; eu defronte, onde havia dois talheres desocupados. Logo depois da sopa o comandante, com a lamentável mania dos homens de mar, começou a falar de caça. Primeiramente de caça miúda, de condores e de abutres. Depois passou a elefantes.

– Ah! Comandante – exclamou ao lado um patricio meu, de Durban –, para elefantes temos presente uma grande autoridade... Se há homem em África que entenda de elefantes, é aqui o nosso companheiro e amigo Alão Quartelmar.

Por acaso, nesse momento, eu pousara os olhos no barão Curtis; e notei que o meu nome, assim pregoado com a minha profissão, lhe causara emoção e surpresa. John cravou também em mim o seu vidro, com uma curiosidade que faiscava. Por fim o barão inclinou-se, através da mesa, e numa voz grave e funda, bem própria do robusto peito de onde saía:

– Peço perdão – disse –, mas é porventura ao senhor Alão Quartelmar que me estou agora dirigindo?

– A ele próprio.

O homenzarrão passou a mão pelas barbas, e, distintamente, muito distintamente, o ouvi murmurar: “Ainda bem!”.

Não se passou mais nada até ao doce. Mas fiquei ruminando aquele espanto e aquele “ainda bem”.

Depois do café, enchia o meu cachimbo para subir à tolda, quando o barão, com os seus modos sérios e lentos, se adiantou para mim, e me convidou “a passar ao seu beliche, tomar um grogue, e conversar...”. Aceitei. O barão ocupava um camarote de tolda, o melhor do Dunkeld, espaçoso, arejado, com um sofá, espelhos, e duas largas cadeiras de verga. O capitão John viera também. Todos três nos sentamos, acendendo os cachimbos, enquanto o moço corria pelos grogues.

Houve primeiramente um silêncio. Outro criado entrou, a acender o candeeiro. Por fim, apareceram os grogues.

O barão Curtis, então, passou a mão pelas barbas, nesse jeito que lhe era costumado, e voltando-se bruscamente:

– Diga-me uma coisa, senhor Quartelmar... Aqui há dois anos, por este tempo, estive num sítio chamado Bamanguato, ao Norte do Transval. Não é verdade?

– Perfeitamente – respondi eu, pasmado de que aquele cavalheiro se achasse, no seu condado, em Inglaterra, tão bem informado das jornadas que eu fazia no Sul de África!

– A negócio, hein? – acudiu o capitão John.

– Sim, senhor, a negócio. Levei uma carregação de fazendas, acampeei, fora da feitoria, e lá fiquei até liquidar.

O barão conservou, durante um momento, pregados em mim os seus olhos cinzentos e largos. Pareceu-me que havia neles ansiedade e temor.

– E diga-me, encontrou aí, em Bamanguato, um homem chamado Neville?

– Encontrei. Estive acampado ao meu lado durante uns quinze dias, a descansar o gado antes de meter para o Norte. Aqui há meses recebi eu uma carta de um procurador, perguntando-me se sabia o que era feito desse sujeito... Respondi como pude...

– Bem sei! – atalhou o barão. – Li a sua resposta. Dizia o senhor Quartelmar que esse sujeito Neville partira de Bamanguato, no princípio

de maio, num carrão, com um serviçal e um caçador cafre chamado Jim, tencionando puxar até Iniati, última estação na terra dos Matabeles, para de lá seguir a pé, depois de vender o carrão. O senhor Quartelmar acrescentava que o carrão decerto o vendera ele, porque seis meses depois vira-o em poder de um português. Esse português não se lembrava bem do nome do homem a quem o comprara. Sabia só que era um branco, e que se metera para o mato com um cafre...

– É verdade – murmurei eu.

Houve outro silêncio, que eu enchi com um sorvo ao grogue. Por fim o barão prosseguiu, com os olhos sempre cravados em mim, insistentes e ansiosos:

– O senhor Quartelmar não sabe quais as razões que levaram assim esse sujeito Neville para o Norte?... Não sabe qual o fim da jornada?

– Ouvi alguma coisa a esse respeito – murmurei.

E calei-me prudentemente, porque nos íamos avizinando de um ponto em que, por motivos antigos e graves, eu não desejava bulir.

O barão voltou-se para o seu companheiro, como para o consultar. O outro, por entre a fumaraça do cachimbo, baixou a cabeça num *sim* mudo. Então o meu homenzarrão, decidido, abriu os braços, desabafou:

– Senhor Quartelmar, vou-lhe fazer uma confidência! Vou-lhe mesmo pedir o seu conselho, e talvez o seu auxílio... O agente que me remeteu a sua carta afiançou-me que eu podia confiar absolutamente no senhor Quartelmar, que é um homem de bem, discreto como poucos, e respeitado como nenhum em toda a colônia do Natal.

Dei um sorvo tremendo ao conhaque, para esconder o meu embaraço, porque sou extremamente modesto.

– Senhor Quartelmar – concluiu o barão –, esse sujeito chamado Neville era meu irmão.

– Ah! – exclamei.

Com efeito! Agora, agora recordava eu bem com quem o barão se parecia! Era com esse Neville. Somente o outro tinha menos corpo, e a barba escura. Mas nos olhos havia a mesma franqueza, e havia a mesma decisão.

– Era meu irmão – continuou o barão. – Meu irmão mais novo, e único. Até aqui há cinco anos, vivemos sempre juntos. Depois um dia, desgraçadamente, tivemos uma questão, uma terrível questão. E para lhe dizer a verdade toda, senhor Quartelmar, eu comportei-me para com meu irmão da maneira mais injusta! Foi sob o impulso do despeito, da cólera, é certo... Mas, em suma, comportei-me injustamente.

– Cruelmente – murmurou do lado o capitão John, que fumava com os olhos cerrados.

– Cruelmente, com efeito. Como o senhor Quartelmar sabe, em Inglaterra, quando um homem morre sem testamento e não tem senão bens de raiz, tudo passa para o filho mais velho. Ora sucedeu que meu pai morreu exatamente quando meu irmão Jorge e eu estávamos assim de mal. Herdei tudo; e meu irmão, que não tinha profissão, nem habilitações, ficou sem real. O meu dever, está claro, era criar-lhe uma situação independente. É o que todos os dias se faz em Inglaterra, nesses casos. Mas por esse tempo, a nossa questão estava em carne viva. Eu não lhe ofereci nada. Ele também, orgulhoso, sobretudo brioso, nada pediu. Assim ficamos, de longe, eu rico e ele pobre... Peço perdão de o fatigar com esses detalhes, senhor Quartelmar, mas preciso pôr as coisas bem claras... Não é verdade, John?

– Escrupulosamente claras! – acudiu o outro. – De resto, o nosso amigo Quartelmar guarda para si esta história...

– Pudera! – exclamei.

– Pois bem – continuou o barão –, meu irmão possuía de seu, nessa época, umas duzentas libras. Um belo dia, agarra nesta miséria, toma o nome de Neville, e abala para África a tentar fortuna! Eu só o soube mais tarde, meses depois de ele ter embarcado. Passaram três anos. Notícias dele, nenhuma. Comecei a andar inquieto. Escrevi-lhe. Naturalmente as minhas cartas não lhe chegaram. E eu cada dia mais aflito! Para o senhor Quartelmar compreender tudo bem, deve saber que, desde pequeno, desde o berço, meu irmão foi a forte e grande afeição da minha vida. E, por outro lado, a nossa questão, assim amarga e áspera por sermos ambos muito novos e muito exaltados, nasceu de quê? De uma mulher cujo nome já quase me esqueceu. E meu pobre irmão, coitado, se ainda é vivo,

não se lembrará mais do que eu. Ora aqui tem! E já por isso o senhor Quartelmar compreende...

– Perfeitamente, perfeitamente...

– Pois bem, descobrir meu irmão passou a ser a minha ideia constante, dia e noite. Mandei fazer aqui, no Cabo, toda a sorte de pesquisas. Um dos resultados, o mais importante, foi a sua carta, senhor Quartelmar. Importante porque me dava a certeza que, meses antes, meu irmão estava na África, e vivo. Desde esse momento decidi vir eu mesmo, pessoalmente, continuar as pesquisas. Agentes, por mais dedicados, mais bem pagos, não têm o interesse de coração; é com o coração justamente que eu conto, com a perspicácia, a inspiração especial que ele às vezes possui. De resto, sempre tencionei visitar as nossas colônias de África... E aqui tem o senhor Quartelmar a minha história. O mais extraordinário, é que o tivéssemos encontrado logo, a si, a pessoa justamente que viu meu irmão vivo, a pessoa justamente a quem eu me ia dirigir apenas quando chegasse ao Natal. Quer que lhe diga? Acho bom agouro. Em todo o caso, aqui estou, pronto para tudo, com o meu velho amigo, o capitão John, companheiro fiel de muitos anos, que teve a dedicação de me acompanhar.

O outro encolheu os ombros, sorrindo, com a esplêndida dentadura.

– Não havia neste momento nada interessante a fazer na velha Europa!... Gasta, insipidíssima, a velha Europa!

Depois, reenchendo o cachimbo, acrescentou muito sério:

– E agora que o nosso amigo Quartelmar conhece os motivos que nos trazem à África, e o interesse que nos prende a esse homem chamado Neville, espero da sua lealdade que não terá dúvida em nos dizer tudo o que sabe, ou tudo o que ouviu, a respeito dele. Hein?

Impressionado, respondi:

– Não tenho dúvida, por ser questão de sentimento.